

## OPINIÃO DO LEITOR

### Os indígenas sobreviventes no Brasil dos 500 anos

Diariamente acompanhamos pela televisão a contagem regressiva para a comemoração dos 500 anos. No entanto, quando os portugueses chegaram aqui, mais de 600 povos já habitavam essa terra: alguns há mais de 40.000 anos. O desconhecimento dessa história é um dos fatores que possibilitam os massacres contra os índios. O assassinato de Galdino em Brasília não foi fato isolado. Há menos de um ano, na Serra do Urubú (Pescqueira-PE), Chicão, cacique dos Xucuru, tantas vezes ameaçado de morte, sucumbiu a balas traiçoeiras. No mesmo mês, mataram Claudemir (guarani) e Miho (kulina).

A frequência assustadora com que líderes indígenas e lavradores são assassinados revela que a vida do ser humano, principalmente dos pobres, continua valendo pouco. Muitos desses crimes foram anunciados e quase nenhum foi punido. Inutilmente, as comunidades pedem segurança às autoridades. Sob esse aspecto, não há diferença entre governos militares que mandam matar e governos civis que deixam que outros matem.

O dia 7 de fevereiro lembra o aniversário da destruição da República Guarani (1778). Há mais de dez anos, contando livremente essa história, o filme "A Missão" emocionou o mundo e ganhou a "Palma de Ouro" em Cannes. Das missões jesuítas, hoje, restam apenas ruínas de igrejas e povoados, visitadas por turistas, no sul do Brasil e em terras do Paraguai e Argentina. No Rio Grande do Sul, uma cidade chama-se "São Sepé" em honra de Sepé Tiarajú, líder indígena que, com a própria vida, defendeu os guaranis e morreu gritando: "Esta terra tem dono: É de São Miguel e do seu povo".

Mesmo sem os milhões de dólares que produziram "A Missão", alguns cineastas brasileiros mostraram-se solidários com os índios dessa terra. O cineasta Sylvio Bach fez o documentário "A República Guarani". Sobre a realidade indígena contemporânea, Zelito Viana fez o comumente "Terra dos Índios". Mais tarde, baseado no massacre dos "Cintas-largas", dirigiu "Avaeté, semente da vingança", premiado nos festivais de Moscou e do Rio de Janeiro. Esses filmes e outras publicações fizeram crescer a solidariedade às vítimas da colonização.

Cada ano, no sul, no dia 7 de fevereiro, milhares de pessoas reúnem-se em algum lugar que simbolize o direito dos lavradores, indígenas e todos os seres humanos de viver a comunhão com a terra, no trabalho, na justiça e liberdade. Em todo o Brasil, uma multidão de peregrinos refaz esse costume da "romaria da terra". Invocam a Deus e aprofundam a relação entre a fé e a justiça, entre a espiritualidade e a defesa da vida.

Numa dessas ocasiões, um chefe indígena pediu ao amigo que o conduzia para parar o carro. Desceu e, de pé, ficou esperando muito tempo. Depois, explicou: "Você veio rápido demais. A minha alma não conseguiu acompanhar. Preciso esperar. Sem a minha alma, não continuo o caminho".

Os indígenas chamam de "perder a alma", o que chamamos de depressão, ou estresse. Pode ocorrer também com um povo, quando esquece a história e perde suas raízes. Os judeus dizem que "crer é se lembrar". A espiritualidade indígena diria: "é recuperar a alma", ou seja, retornar à história. As igrejas e religiões retomam a alma quando assumem como missão um verdadeiro serviço à vida do povo; as pessoas, quando servem à justiça. Há uma semente de compaixão no coração de cada ser humano esperando apenas a ocasião de florescer. "O esquecimento é o começo da escravidão. A memória é o início da libertação (Rabino Baal Shem Tov - sec. XVIII).

MARCELO BARROS, MONGE BENEDITINO E ESCRITOR. TEM 22 LIVROS PUBLICADOS, SENDO O ÚLTIMO O ROMANCE INDIGENISTA: "A NOITE DO MARACÁ" (EDITORA DA UCG - REDE).